

Fotojornalismo cidadão: a fotografia a serviço da cidadania

Fábio Dias de Souza¹

Paulo César Boni²

Jornalismo cidadão

O surgimento da cidadania está vinculado ao advento das cidades, espaço onde as pessoas deveriam exercer seus direitos e deveres, ou seja, ser cidadãos. Maria de Lourdes Manzini-Covre recupera a proposta de cidadania descrita na Carta de Direitos da Organização das Nações Unidas (ONU), de 1948:

Todos os homens são iguais ainda que perante a lei, sem discriminação, raça, credo ou cor. [...] O direito à educação, à saúde, à habitação, ao lazer. E mais: é direito de todos expressar-se livremente, militar em partidos políticos e sindicatos, fomentar movimentos sociais, lutar por seus valores. [...] E mais: pressionar os governos municipal, estadual, federal e mundial (em nível de grandes organismos internacionais como o Fundo Monetário Internacional – FMI). (MANZINI-COVRE, 1991, p.9-10).

No entanto, para que essa série de direitos e deveres da cidadania tenha valor efetivo, deve haver reivindicação, ou seja, é preciso que haja sujeito participativo na ação. Se algum bairro apresenta problemas, como buracos no asfalto ou bueiros entupidos, seus moradores devem tomar a iniciativa de entrar em contato com o órgão responsável pela manutenção e acionar a imprensa como instrumento de pressão.

¹ Especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina

² Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Coordenador do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina.

Neste sentido, o jornalismo cidadão tem se tornado uma prática cada vez mais constante. Abreu (2003, p.5) explica tratar-se de um conceito que “identifica a ação jornalística como tendente a servir aos interesses concretos dos cidadãos e a responder às preocupações dos leitores ou da audiência referentes a emprego, habitação, educação, segurança, qualidade de vida, etc.”.

Historicamente, o jornalismo cidadão surgiu nos Estados Unidos, com a prática do *public* e do *civic journalism*. A autora explica que:

O primeiro foi uma resposta à perda de leitores da imprensa escrita na concorrência com os canais de televisão, e também uma maneira de impedir o controle, cada vez maior, das máquinas partidárias sobre o debate político na mídia. Esse novo jornalismo pretendia impor uma nova agenda de opinião e se tornar o intérprete dos cidadãos quanto à hierarquia dos problemas e à escolha das soluções pela comunidade. (ABREU, 2003, p.6).

O *civic journalism*, que pregava o enaltecimento dos princípios da democracia, começou em 1970, nos Estados Unidos. A partir de 1990, alguns jornais criaram canais para reivindicações e, decorrência natural, mais leitores passaram a utilizar o espaço. Atualmente, como exemplifica Abreu (2003, p.7) “tanto os jornais populares quanto o *Extra* e *O Dia*, no Rio de Janeiro, o *Diário Popular*, em São Paulo, e os grandes jornais, como *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*, estão voltados para o atendimento das reivindicações dos leitores”.

A participação popular por meio da imagem

Atualmente, a tecnologia potencializa a interação entre mídia e cidadão. A internet possibilitou que a prática do jornalismo cidadão ganhasse

proporção ao dinamizar a comunicação horizontal entre o leitor e a mídia. Alguns exemplos das primeiras imagens digitais feitas por amadores e divulgadas no *mass media* foram os dos atentados ao *World Trade Center*, em Nova Iorque, e ao metrô de Londres.

Atentas a essa possibilidade, algumas empresas de comunicação idealizaram um procedimento para agregar trabalho, aproveitando essa multidão munida tecnologicamente. O site *OhMyNews* – “Todo cidadão é um repórter”, lançado no ano 2000, na Coreia do Sul, foi o primeiro a propagar, na internet, esse novo “espírito” de jornalismo participativo. No lançamento do jornal, havia quatro repórteres profissionais e 727 pessoas se que “disponibilizaram” como repórteres; hoje, são 35 profissionais e 35 mil repórteres cidadãos. Essa multidão envia pela internet suas notícias, que são revisadas e checadas pela redação. Publicadas no site, os próprios leitores as comentam, avaliam, corrigem e atualizam. Essa atitude influencia diretamente a importância que o tema assumirá na pauta (CASTILHO, 2004). Para se ter uma idéia das proporções dessa tendência, a *Scoopt*, primeira agência que comercializa imagens feitas por amadores, já possui “mais de 2 mil cadastrados em 60 países” (GRANJA, 2006).

No Brasil, o primeiro projeto de fotojornalismo cidadão, iniciado em outubro de 2005, foi o “FotoRepórter”, coordenado por Juca Varela no *O Estado de S. Paulo*. A idéia concretizou-se com a visita dos profissionais de marketing do *Estadão* a uma feira na Coreia, onde tiveram contato com jornais produzidos com material de amadores (PINTO, 2006). Para participar, os interessados precisam assinar um termo de compromisso e cessão de direitos autorais; ao enviarem a foto, devem anexar um texto com informações – que são checadas – e, em algumas vezes, o próprio fotógrafo é contatado. Até 31 de dezembro de 2006 o projeto havia contabilizado

7203 cadastrados e 21293 imagens. Destas, 4981 foram selecionadas para o portal “FotoRepórter” e 287 foram publicadas no *Estadão* e *Jornal da Tarde*³.

Pelo exposto, percebe-se uma gradual mudança no processo de transmissão e recepção da informação. O fotojornalismo cidadão tem sido o embrião de uma forma organizada para “convidar” pessoas comuns a participarem, a serem ativas e engajadas. Segundo o educador Paulo Freire (2002, p.64): “Na medida em que o homem cria, recria e decide, vão se formando as épocas históricas. [...] É por isso que obtém melhor resultado toda vez que, integrando-se no espírito delas, se apropria de seus temas e reconhece suas tarefas concretas.”

Esse exercício de cidadania foi observado pelo coordenador do “FotoRepórter”. Conforme Varella, os fotorrepórteres são pessoas comuns que se deparam com alguma situação e fotografam. “É muito pequena a parcela que sai exclusivamente para fotografar. Também existem grupos muito participativos, e é possível perceber claramente a mudança de atitude: alguns fotorrepórteres, no início, mandavam fotografias de flores ou festas; à medida que percebiam que não eram publicadas no portal (acesso *on-line*) e nem no *Estadão*, começavam enviar imagens que realmente interessavam, jornalisticamente.”⁴.

A experiência do Jornal de Londrina

No Paraná, o Jornal de Londrina abriu um espaço para que o leitor envie fotografias. É o “Foto do Leitor”, criado em maio de 2006. Carla Nascimento, chefe de redação, explica que as fotografias são selecionadas por seu conteúdo. O jornal diz privilegiar as imagens de interesse público em detrimento das pessoais.

³ Informações enviadas por e-mail, pela equipe “FotoRepórter”, a Fábio Dias, em 8 de janeiro de 2007.

⁴ V

Os temas mais recorrentes são trânsito e paisagens. Carla afirma que a quantidade de imagens de acidentes de trânsito, problemas com vias e buracos no asfalto é muito superior em relação aos demais temas. A rapidez com que os leitores enviam imagens chega a surpreendê-la: “Certa ocasião, houve um incêndio em uma loja de decorações na cidade, e enquanto o jornal preparava uma equipe para fazer a matéria, recebia, na redação, fotos enviadas por pessoas que estavam no local com equipamento digital.”⁵

No “Foto do Leitor”, assim como no “FotoRepórter”, existem colaboradores mais ativos, que enviam fotos constantemente. Eduardo Lobato é um desses. No mesmo dia em que comprou um telefone celular com câmera, fotografou um veículo particular estacionado em local exclusivo para viaturas militares e enviou a fotografia para o jornal, que a publicou. A partir daí, passou a enviar novas fotografias, preferencialmente com conteúdo jornalístico: “Procuro manter o foco em fotografias que possam gerar evolução, proporcionando reflexão, desenvolvimento e progresso [...]”. Exemplifica, relatando que certa vez houve acúmulo de lama em algumas ruas centrais de Londrina (figura 1)⁶, associado às chuvas e às obras em um terreno onde seria construído um supermercado. Dias depois da publicação de sua foto, discorre, “as ruas estavam interditadas para realização de limpeza” (figura 2)⁷. Outro fator que, segundo ele, contribuiu para a solução do problema foi um “gari” que, depois de acompanhar a produção das fotografias, informou a empresa responsável⁸.

⁵ NASCIMENTO, Carla. Entrevista concedida a Fábio Dias, em 17 de janeiro de 2007.

⁶ Imagem original disponibilizada pelo autor.

⁷ Imagem original disponibilizada pelo autor.

⁸ LOBATO, Eduardo. Entrevista por e-mail concedida a Fábio Dias, em 19 de janeiro de 2007.



Figura 1 Chuva vermelha

“Em plena região central de Londrina, a cada nova chuva a situação volta a se repetir, é lama pra todo o lado (proveniente do terreno do antigo Colossinho).”
Foto e legenda publicadas no Jornal de Londrina, de 5/12/2006, p.3.

Foto: Eduardo Lobato



Figura 2 - Ontem, hoje

“Parabéns ao senhor José, “gari” da CMTU que comunicou o fato à empresa responsável que imediatamente providenciou a limpeza. E claro também ao JL que através desse espaço propicia ações como essas que resultam em evolução e desenvolvimento para a população.”

Foto e legenda publicadas no Jornal de Londrina de 12/12/2006, p 23.

Foto: Eduardo Lobato

Samuel de Oliveira reside em Londrina desde 1979. Desgostoso por perceber situações que colocam a população em risco, passou a enviar fotografias que considera úteis à sociedade: “Minha briga é para sinalizarem a rua do Hotel do Lago. Também denuncio a falta de sinalização nas ruas próximas de meu prédio e problemas com o Lago Igapó.”

Oliveira diz que 30 fotografias suas já foram publicadas e que chegou até a receber uma ligação do órgão responsável pelo problema “denunciado”, prometendo providências. Exercendo seus direitos e deveres, diz que sua intenção é unicamente servir à comunidade, já que a maioria das pessoas dificilmente se expõe. “Penso que, se cada um apontar, sugerir transformações e brigar para que o poder público mude sua postura, a cidade melhorará muito...” Ele pretende fotografar pontos críticos do trânsito e “sugerir alterações simples e objetivas através do envio do material à imprensa”⁹.

Segundo o engenheiro da Secretaria de Obras e Viação da Prefeitura, Joaquim Carlos Wargha, a publicação das fotografias enviadas para o “Foto do Leitor”, contribui – e muito – para o trabalho da secretaria. Explica que Londrina é uma cidade de grande porte e fica praticamente impossível fiscalizar sua manutenção, o tempo todo, em todos os bairros da cidade. Em sua opinião, “uma fotografia todo mundo vê, é diferente de uma simples ligação telefônica; o impacto visual fortalece a reivindicação pela tomada de providências”¹⁰.

⁹ OLIVEIRA, Samuel Pinto de. Entrevista por e-mail concedida a Fábio Dias, em 20 de janeiro de 2007.

¹⁰ WARGHA, Joaquim Carlos. Entrevista por telefone concedida a Paulo Boni, em 14 de fevereiro de 2007.

A fotografia como prática conscientizadora

Tânia Pinto¹¹ diz que “estamos acostumados a olhar uma imagem sem qualquer tipo de reflexão sobre aquilo que está sendo mostrado, sem darmos ao trabalho de olhá-la seriamente o que é prejudicial, não só para o indivíduo, mas principalmente para toda a sociedade...”. Essa “nova” forma está se configurando como um importante passo de prática cidadã, pois o simples fato de apontar a câmera a um acontecimento significa atribuir valor; sugere que o ser humano está mais comprometido, imprimindo seu olhar para torná-lo público, procurando melhorar as condições de vida em seu ambiente.

Sobre impressão do olhar, cabe observar que toda fotografia é reflexo da carga cultural de quem a faz. Segundo Kossoy (2000, p.30):

O fotógrafo, pois, em função de seu repertório pessoal e de seus filtros individuais e, apoiado nos recursos oferecidos pela tecnologia, produz a imagem a partir de um assunto determinado. A interpretação final, entretanto, ainda sofrerá interferências ao longo do processamento e elaboração final da imagem [...].

O fotógrafo é colocado em relação com o mundo. A prática aguça seu olhar e contribui para que ele qualifique sua produção. O exercício da fotografia induz as pessoas a valorizarem e compreenderem melhor a imagem, contribuindo para a alfabetização visual. Peruzzo (2001, p.121) observa que a essência da educação para cidadania nos movimentos sociais está:

na inserção das pessoas num processo de comunicação, onde ela pode tornar-se sujeito do seu processo de conhecimento, onde ela pode educar-se

¹¹ PINTO, Tânia Oliveira Teixeira. Mestre em Epistemologia do Jornalismo pela ECA/USP.

através de seu engajamento em atividades concretas no seio de novas relações de sociabilidade que tal ambiente permite que sejam construídas.

Neste sentido, a abertura oferecida por alguns veículos contribui para que as pessoas se transformem em sujeitos participativos da ação, executando tarefas que estão habituadas a receber prontas e que se tornem, nas palavras de Peruzzo (2001, p.122), “protagonistas da comunicação e não somente receptores”.

Novas práticas, novas discussões

A prática do fotojornalismo cidadão tem provocado diferentes opiniões. Algumas questões são levantadas em relação à possibilidade de manipulação da imagem, à qualidade e veracidade das fotografias produzidas por amadores e uma possível redução do número de fotojornalistas profissionais e “frilas” contratados.

Historicamente, ainda é cedo para se fazer uma avaliação, mas algumas respostas são obtidas através dos próprios meios de comunicação. Quanto ao uso inescrupuloso da fotografia, o artigo 2º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros é claro, e diz que “a divulgação de informação, precisa e correta, é dever dos meios de comunicação pública, independente da natureza de sua propriedade”. Neste sentido, tanto o *Estado* quanto o *JL* adotam precauções para evitar a publicação de imagens manipuladas e não confiáveis.

Varella, do *Estado*, afirma que tiveram um índice de imagens manipuladas inferior a 1% (PINTO, 2006). Quanto ao uso de fotografias de leitores, afirma que antes de iniciar o projeto, houve uma reunião com todos os repórteres fotográficos do jornal. Alguns rejeitaram a proposta, mas logo

nos primeiros meses ficou claro o objetivo do “FotoRepórter” e nenhum profissional foi dispensado em razão do projeto¹².

Simonetta Persichetti acredita que se houver uma organização nos jornais, é possível que algumas imagens “impactantes, datadas e que duram um dia” possam ser produzidas por leitores, enquanto os profissionais se ocupam de matérias aprofundadas, aprimoradas¹³. Varella explica que a prática atual é o fotorrepórter fazer a fotografia do acontecimento e depois o fotógrafo do jornal se deslocar até o local para cobrir o assunto, de forma mais elaborada.

Abafando os ecos do conservadorismo, Paulo Freire deixa uma frase cabível no contexto até aqui discutido: “Face ao novo, não repele o velho por ser velho, nem aceita o novo por ser novo, mas aceita-os na medida que são válidos.” (FREIRE, 2001, p.41). São válidos na medida em que é dever do comunicador social “divulgar todos os fatos que sejam de interesse público” e “lutar pela liberdade de pensamento e expressão”, onde o “acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse.” Está no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

Considerações finais

Mais de 100 anos se passaram desde a primeira câmera *Kodak*. De lá para cá, os avanços tecnológicos permitiram que cada vez mais a fotografia se popularizasse e, com a internet, se difundisse de uma forma jamais alcançada. Para a mídia, uma evolução sem igual, pois o tempo é crucial quando a questão é jornalismo.

¹² VARELLA, Juca. Entrevista por telefone concedida a Fábio Dias, em 4 de janeiro de 2007.

¹³ PERSICHETTI, Simonetta. Jornalista, mestre em Comunicação e Artes e doutora em Psicologia Social pela PUC/SP. Entrevista por e-mail concedida a Fábio Dias, em 12 de dezembro de 2006.

No contexto atual, a fotografia tornou-se importante instrumento de manifestação e alçou o cidadão à condição de sujeito participativo da informação, graças aos espaços disponibilizados por alguns jornais. Cidadãos utilizam estes canais para expor e denunciar situações irregulares e, muitas vezes, antecipam a chegada da informação aos responsáveis – que nem sempre sabem da ocorrência –, expondo visualmente a situação e criando um atalho para solucionar o problema com mais urgência.

Aliada à prática da cidadania, em que pessoas exercem seus deveres e usufruem seu direito de se expressar, produzindo informações e apropriando-se dos meios de comunicação para disseminá-las, a fotografia exerce seu papel como instrumento para o “fazer social”. O fascínio e a força do fotojornalismo cidadão residem na possibilidade que este oferece às pessoas de traduzir suas preocupações sociais em imagens e retorná-las à sociedade, em uma busca coletiva pelo bem estar comum.

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de. Jornalismo cidadão. **Estudos históricos, mídia**. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/339.pdf>. Acesso em 12 dez. 2006.

CASTILHO, Carlos. Jornalismo online. **Cada cidadão é um repórter**. 2004. Disponível em: <http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=275EN0001>>. Acesso em 19 dez. 2006.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Rio de Janeiro, 1987. Disponível em:

<http://www.fenaj.org.br/Leis/Codigo_de_Etica.htm>. Acesso em 4 mar. 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GRANJA, Bia. Cidadão jornalista, você ainda vai ser um! **Revista Fotosite**, São Paulo, v.2, n.8, p.29, out./nov. 2006.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos, 250).

PERUZZO, Cicilia Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Revista Fronteiras: Estudos midiáticos**, São Leopoldo, v.3, n.1, p.112-128, set. 2001.

PINTO, Danielle. Foto Repórter. **Photo Magazine**, Itajaí, v.2, n.6, p.16-18, jan./fev. 2006.

PINTO, Tânia Oliveira Teixeira. Os olhos do mundo: a força da imagem no jornalismo do século XXI. **Revista Espiral – Noosfera**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/njr/espisal/noosfera25b.htm>>. Acesso em 23 mar. 2006.